



GT 04. Antropologia Biológica e interfaces biologia e cultura: história, pesquisas atuais e perspectivas futuras

Coordenador(es):

Verlan Valle Gaspar Neto (UFRRJ - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

Pedro Jose Tótorá da Glória (Universidade Federal do Pará)

A história da Antropologia Biológica remonta, pelo menos, ao século XIX, tanto nos chamados centros irradiadores (EUA e Europa) quanto em outros países, inclusive no Brasil. Das primeiras investigações até os dias atuais, a Bioantropologia brasileira tem se apresentado multifacetada, com uma profusão de estudos com reconhecida inserção na comunidade antropológica internacional. Não obstante, praticamente inexistem hoje, no Brasil, espaços de discussão que abordem as interfaces entre Biologia e as ciências humanas, incluindo em um mesmo fórum pesquisas realizadas em Etnobiologia, Antropologia Ecológica, evolução biocultural, Antropologia Forense, Bioarqueologia, Antropologia Genética, Socioecologia da Saúde, Primatologia, entre outros campos correlatos. Inspirada em iniciativas como o simpósio “Reintegrating Anthropology” (Portugal, 2016), organizado pela Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research, e o livro editado por Tim Ingold e Gisli Palsson, *Biosocial Becomings: Integrating Social and Biological Anthropology* (2013), a proposta deste GT é abrir espaço a investigações de natureza teórica, experiências em trabalho de campo, bem como relatos de iniciativas institucionais, que contemplem os aspectos históricos, os múltiplos temas atuais, as perspectivas futuras e, sobretudo, as possibilidades de diálogo entre Biologia e Antropologia no e a partir do Brasil.

Saúde, cultura, biodiversidade e território: encontros e desencontros entre práticas de saúde na Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará

Autoria: Thomaz Xavier Carneiro (UFPA - Universidade Federal do Pará), Barbara Xavier Carvalho Marcílio Pedroso Serrão Maria de Lourdes Beldi de Alcântara Fábio Lambertini Tozzi Marília Brasil Xavier Maria da Conceição Nascimento

As práticas tradicionais de saúde são produto de profundas relações das populações com seu território e sua diversidade biológica e cultural. Este estudo tem os objetivos de investigar as relações entre o sistema oficial de saúde pública (SUS) e um sistema de saúde tradicional, suas relações e conflitos; formas de uso, processos, práticas, fonte de conhecimento, origem dos recursos, entre outros, utilizados para diferentes agravos, especialmente doenças negligenciadas tropicais; e como esse patrimônio material e imaterial coletivo pode ser valorizado, e inclusive musealizado e patrimonializado, a partir de uma visão decolonial de saúde. Metodologicamente, a pesquisa inclui aspectos qualitativos e quantitativos, utilizando metodologias da antropologia da saúde, etnobiologia e museologia. Os participantes incluíram profissionais de saúde das Equipes de Saúde da Família Ribeirinhas e Fluviais e referências de saúde tradicional nas comunidades. O território da pesquisa envolveu duas comunidades da Reserva Extrativista (Resex) Tapajós-Arapiuns, município de Santarém, Pará, com populações de origem diversa, identificada amplamente como ribeirinha e cabocla, passando também por processo de etnogênese indígena. A pesquisa foi submetida, avaliada e autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Medicina Tropical da Universidade Federal do Pará, e realizada de acordo com as resoluções 466/12 e 510/2016 do CNS. A pesquisa só foi iniciada após viagens preliminares e construção de rapport, reuniões comunitárias e consulta prévia, livre e informada, com as lideranças comunitárias, que assinaram termo de Consulta Prévia, Livre e Informada. A pesquisa também obedece a legislação ambiental, através da Licença 65253-2 (SISBIO/ICMBio/MMA) e a Lei nº 13.123/2015. São apresentados resultados preliminares com 15 referências de saúde tradicional e 12



referências de saúde oficial. Houve relatos de diferentes tipos de interação entre os sistemas de saúde, com a presença de conflitos. Dos profissionais de saúde tradicional foram identificadas diversas práticas como benzeção, puxação e usos diversos terapêuticos de plantas e animais, com elaboração de listas livres de plantas e animais, cálculos etnobotânicos, doença mais comuns referidas, modo de anamnese, fonte de conhecimento, relações simbólicas e interações religiosas, frequência de procura, modos de preparo etc. Todos os benzedores e puxadores referiram a necessidade espiritual/religioso para a prática terapêutica, o que não ocorreu em totalidade com outras categorias. O diálogo cultural entre os sistemas oficial e popular, obedecendo a legislação vigente e o empoderamento de saúde e cultura na população, podem levar à uma melhor relação entre os sistemas e a melhores desfechos de saúde.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: